O GOLPE, PANDEMIA, E O AGRAVAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA

> Não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder.
>
> Dilma Rousseff

Laerte

Desde 2016, a situação da classe trabalhadora piora de maneira drástica e terrível no Brasil. O SINASEFE, corretamente, reconheceu e deliberou enfrentar o golpe de Estado que derrubou a Presidenta Dilma, mas, infelizmente, a classe trabalhadora não conseguiu articular força para impedi-lo. O golpe, o assassinato de Marielle Franco e a prisão de Lula são alguns dos elementos que compõem a conjuntura que nos trouxe à situação atual. Vemos aumento em níveis trágicos do desemprego, da carestia, da inflação, da fome e da violência que atinge brutalmente a classe trabalhadora brasileira, especialmente as mulheres negras e periféricas extrato majoritário e historicamente super explorado em nossa sociedade. As populações em situação de rua explodiram em número, as ocupações e os despejos ocorrem com grande violência e a renda média de trabalhadoras e trabalhadores caiu em números absolutos, especialmente depois – e em função de – as Reformas Trabalhista e Previdenciária, das desnacionalizações e privatizações, da política de preços do setor energético e do desinvestimento e desmonte das políticas sociais e da política de valorização do salário-mínimo.

Tudo isso foi barbaramente agravado com o início da pandemia. O (des)governo federal e sua política genocida promoveu a morte e dificultou as medidas de proteção não medicamentosas como isolamento, distanciamento e uso de máscaras. De forma irresponsável e criminosa, promoveu abertamente uma política de desinformação sobre formas adequadas de se proteger do vírus, estimulando o consumo de medicamentos

sem comprovação científica para o tratamento da doença motivado, como se mostrou, por interesses comerciais escusos.

Além disso, ao não tomar medidas que evitassem o colapso do sistema de saúde, o executivo federal se tornou diretamente responsável por um número absurdo de mortes – 400 mil, estima-se – evitáveis com medidas como testagem em massa, agilidade na compra de vacinas, política de informação e comunicação e de prevenção, além das medidas econômicas correspondentes que permitissem à população adotar essas medidas.

Como se não bastasse, o governo genocida retardou e dificultou ao máximo o acesso ao auxílio emergencial, enquanto salvava bancos, já no início da pandemia, com um pacote de R$ 1,2 trilhão, cinco vezes mais do que o valor total desembolsado no auxílio, sem qualquer garantia ou exigência de contra partida ou repasse dos valores para o mercado de crédito para pequenos empreendedores, ocasionando a falência de milhares de micro e pequenas empresas e a desativação de milhões de postos de trabalho.

Por outro lado, em apenas um ano de pandemia, o número de bilionários brasileiros aumentou de 45 para 65, enquanto o número de miseráveis aumentou na casa dos milhões. A delapidação do fundo público com a dívida pública, agravada pelo aumento desenfreado dos juros se soma ao roubo de patrimônios do povo, com as tentativas de privatização da a Eletrobrás e os Correios, interligadas à política de “autonomia” do banco central: no fundo, se trata, nada mais, que a liberação do ente máximo do controle da economia para o atendimento aos interesses de banqueiros e corporações nacionais e transnacionais.

Nesse cenário que se projeta o campo das lutas em 2022, depois de um 2021 marcado pela retomada das lutas de rua que enfrentou o projeto genocida nas manifestações pelo Fora Bolsonaro, pela extensão do auxílio emergencial, contra a carestia e pelas vacinas pra todes. Após uma CPI que demonstrou a política de morte encaminhada, mas que não produziu o efeito de derrubar o governo, nota-se que Bolsonaro segue protegido por um congresso de maioria comprada pelo orçamento secreto, por um judiciário que permite que o PGR Aras retome o título de engavetador geral da República sem dar prosseguimento a nenhuma das denúncias de crimes cometidos pela familícia e seu governo.

Para além da esfera estatal, temos uma imprensa que, embora revele um certo denuncismo (muito mais tímido que à época do golpe contra Dilma) contra o governo e seus desmandos durante a pandemia, suas medidas de desmonte da regulação ambiental, o desmatamento irregular e o garimpo em terras indígenas, ainda estamos muito distantes de uma mídia que consiga atuar de forma independente em favor da sociedade.

Este cenário aponta para a necessidade de ações imediatas e importantes para 2022.

Precisamos intensificar as mobilizações contra o aprofundamento da crise econômica, o aumento da inflação, do desemprego e da fome, enquanto lutamos contra a manipulação midiática e suas narrativas que, em sua maioria, escamoteiam os verdadeiros motivos do caos que estamos vivendo.

Para isso temos que lutar nas ruas e nas redes, pressionando o congresso e o governo, sem trégua. Paralisações, passeatas e greves, ferramentas de luta histórica da nossa classe, tão prejudicadas durante a pandemia, precisam ser resgatadas com toda a força. É energizante o exemplo da greve dos servidores públicos de Florianópolis - que em greve unificada entre saúde, educação e limpeza urbana colocou freios na privatização e conquistou condições de trabalho o piso nacional do magistério na carreira.

Neste último mês, outras manifestações, como as marchas do #8M e das lutas contra os assassinatos de Moïse e Durval e o dia da Terra em Brasília reavivam nossa chama para voltarmos as ocupar as ruas nesse momento crítico.

Nas redes devemos seguir e intensificar denúncias no congresso, no judiciário (incluindo o Tribunal Internacional) e na imprensa independente, fortalecendo as campanhas virtuais, com a exposição dos políticos que votam contra os interesses de nossa classe. Foi a soma de ações virtuais com a mobilização permanente em Brasília no 2º semestre de 2021 (com a participação decisiva do SINASEFE) que nos levou à nossa maior vitória até o momento contra o governo Bolsonaro: a retirada da pauta da PEC 32, que levaria ao desmonte final dos serviços público no Brasil.

Por fim, temos que manter em foco o fato de que estamos em ano eleitoral: é preciso tirar Bolsonaro do governo. É fato que existem candidaturas com claro compromisso classista, como as de Leonardo Péricles da UP e da Sofia Manzano do PCB; porém, a candidatura que tem maior potencial de enfrentar o bolsonarismo é a de Lula, sendo fundamental que ele seja eleito, conduzindo um projeto construído a partir da pressão de nossa classe pela revogação da EC 95, das reformas Trabalhistas e da Previdência. Além disso, é fundamental tensionar para que o novo governo priorize e promoção da igualdade, a redução drástica do desemprego e o fim da fome, com a retomada da política de valorização do salário mínimo e do fortalecimento das políticas públicas: retomada dos concursos, da expansão dos serviços, reestruturação do SUAS e do SUS, dos programas de moradia social e de investimento. Importa lembrar que essa retomada somente possível com um novo sistema de cobrança de impostos dos mais ricos, desoneração de salários e do consumo de itens básicos, medidas impossíveis de serem realizadas sem o apoio de um novo Congresso Nacional: não adianta eleger Lula sem tirar do parlamento os abutres e hienas que, hoje, dão o suporte necessário para a manutenção da tragédia instalada com o governo Bolsonaro.

Para não esquecer: a vitória nas urnas não implica na vitória sobre o fascismo. Pelo contrário, a chegada de Lula ao poder e a renovação do Congresso devem atiçar ainda mais a sanha ultraconservadora disso que passou a ser chamado de bolsonarismo. Hoje temos um número enorme e em crescimento de

pessoas armadas, fielmente identificadas com movimentos extremistas, racistas, xenofóbicos, misóginos e nazistas. Por isso, é preciso fortalecer também as lutas dos movimentos sociais, das periferias nos grandes centros e no campo, cada vez mais dominadas pelo amargo amálgama composto pelas igrejas evangélicas e milícias militares e paramilitares, prontas para produzir o caos frente à iminente derrota de Bolsonaro nas urnas. Essa mobilização é fundamental para que sigamos rumo à promoção da igualdade racial e de gênero e de atendimento das demandas das pessoas LGBTQIA+ e pessoas com deficiência.

Dessa forma, encaminhamos:

A. Fora Bolsonaro!
B. pela retirada das patentes sobre a vacina e pela construção de um fundo internacional dos países ricos que permitam que as vacinas cheguem em todos os cantos do globo;
C. Pela responsabilização de Bolsonaro, seus ministros e parlamentares responsáveis pelo genocídio durante a pandemia e reparação e políticas de apoio aos familiares das vítimas, especialmente os sequelados e os órfãos ou familiares de idosos cujas famílias dependiam da renda de aposentadorias;
D. Revogação da EC 95, das Reformas Trabalhista e da Previdência e da Lei das Terceirizações;
E. Não às privatizações e desnacionalizações, em especial da Eletrobrás e dos Correios, além de interromper a privatização fatiada da Petrobrás, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.
F. Retomada das políticas sociais necessárias para a manutenção das pessoas permitindo a proteção sanitária, como o auxílio emergencial e a aprovação da Lei Paulo Gustavo!
G. Por um equacionamento da pandemia que coloque as vidas acima dos lucros, com a ciência orientando as ações de governo na promoção da saúde, ensinando prevenção e auto cuidado, privilegiando as medidas não medicamentosas, além da vacinação de todes, especialmente garantindo que a vacina chegue às populações periféricas e de localidades afastadas, incluindo comunidades indígenas e quilombolas;
H. Pela mobilização permanente da Frente Fora Bolsonaro, as Frentes Povo Sem Medo e Frente Brasil Popular e dos movimentos sociais pela pauta da classe trabalhadora aprovada para derrotar Bolsonaro, os fascistas e o projeto do golpe;
I. Por um governo de trabalhadoras e trabalhadores, o Sinasefe apoia Lula Presidente em uma frente de esquerda com um programa classista que revogue a destruição promovida desde o Golpe de 2016 pelos governos Temer e Bolsonaro;
J. Pela campanha e eleição de bancadas parlamentares de esquerda classistas, feministas, antirracistas e com compromisso com agenda de preservação ambiental e da defesa da soberania do país e da colaboração internacional pacífica;

K. Pela identificação e criminalização desmonte de grupos e milícias neo nazistas e protofascistas no Brasil;

L. Por justiça para Marielle, Anderson, Moïse, Durval, Agatha e tantos outros e outras vítimas da violência racista de Estado ou de milícias associadas ao governo e aos grupos neonazistas e neofascistas;

Assinam a tese junto com a Unidade Sindical Primeiro de Maio – US #1M:

Aluísio Coelho - Seção Colégio Militar de Recife

Antônio Nobre da Silva (Didi) - Seção Cáceres IFMT

Ariovan da Silva Martins - Seção Barbacena EPCAR

Camila Cunha - Seção Brasília IFB

Carlos Henrique Xavier Endo - Seção IFSP

Christian Gilioi - Seção IFSP

Daniel Neri - Seção IFMG

Davi Cézar da Silva - Seção Videira IFC

Denilza Frade - Seção IFSP

Dhieggo Glaucio - SINTEFPB

Diego Rodolfo Simões de Lima - Seção Videira IFC

Elenira Vilela - Seção IFSC

Eliel Regis de Lima - Seção Cáceres IFMT

Elizangela Maria Esteves de Barros - Seção IFSP

Emanuel Luiz Flôres da Silva - Seção IFSC

Felipe Lima - Seção IFES

Francini Carla Grzeca - Seção Videira IFC

Herlon Iran Rosa - Seção Litoral IFC

Inez Deliberaes Montecchi - Seção Cáceres IFMT

Isaías dos Santos - Seção Litoral IFC

José Paulo Monteiro - Seção IFSC

Kyanny Onofre Pompilio - Seção IFSC

Marcelo Assuncão - Seção Colégio Militar do Rio de Janeiro

Mário Luiz - Seção Litoral IFC

Marlene Socorro - Seção IFBA

Matheus Santana - Seção IFBA

Acesse esse QR Code para
conhecer as outras teses da US#1M

Olaine Aparecida Zilio Morona - Seção IFSC

Priscila Cardoso - Seção Litoral IFC

Rosa Maria Mota Costa - Seção IFBA

Sérgio Rodrigues - SINTEFPB

Silvia da Silva Seção - Seção Concórdia IFC

Tomaz Fantin de Souza - Seção IFSUL

Confira todas as teses assinadas pela US#1M (acesse pelo QR Code ao lado)

UNIDADE SINDICAL PRIMEIRO DE MAIO E A BUSCA DE UMA NOVA ORIENTAÇÃO PARA O SINASEFE

EDUCAÇÃO NÃO É MERCADORIA! O SINASEFE E A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS

O GOLPE, PANDEMIA, E O AGRAVAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA

O CAPITALISMO EM CRISE, GUERRAS E FOME

O SUPERMILITANTE: UMA REFLEXÃO SOBRE O PERSONALISMO NO SINASEFE

DIANTE DA PRECARIZAÇÃO E DESMONTE DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL, O FORA BOLSONARO NOS IMPULSIONA A TOMAR DE VEZ AS RUAS

O PAPEL DO SINASEFE NA DEFESA DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO.

SINASEFE NA LUTA CONTRA TODAS AS FORMAS DE OPRESSÃO E DISCRIMINAÇÃO: PELA LIBERDADE DE SER QUEM SE É!